

Um talento ignorado

Por Ottokar Hanns, do Centro

Cultural "Euclides da Cunha"

Há pessoas que têm propensão para esta ou aquela coisa e não o sabem, ou não acreditam nessa propensão: o meu amigo Joe é um exemplo típico. Nêle, a imaginação se alia ao corpo: ambos são enormes.

Joe tem a imaginação mais fértil que jãmais vi em tôda a minha vida. Se conversar com êle, fica-se, a princípio, estupefato; depois, com o correr da conversa, a gente vai se ambientando e, às vezes, quando surge um chiste, de surpresa, num estilo à Oscar Wilde, a gente ri às bandeiras despregadas.

Joe inventa uma história e a conta num estilo todo seu, cheia de floreios, interessantes e às vezes exóticos. Antes de contá-la, êle descreve os personagens, um a um, mais ou menos assim:

— "Ei-lo sentado, à beira da vida, o homem a quem todos iludiram. Aquela pobre criatura está pensativa, cabisbaixa, desesperada... em que pen-

sa? na mulher que o desprezou? no remédio que esqueceu de tomar?... ninguém sabe, a não ser êle e Deus, que sabe tôdas essas coisas. Além, no meio do deserto poeirento, quase morrendo de sêde, vai um homem de alma rastejante. Cai. A areia lhe entra pelos olhos lacrimosos. Êle não sabe o que fazer do melado consequente. Desmaia. A Lua, prestes a se esconder atrás de uma nuvem, parece uma senhora "snob", de monóculo em riște, que não se atreve a olhar para aquela pobre criatura desmaiada, não se incomoda com a agonia daquêle sêr humano. No cimo de uma duna, surge uma hiena devoradora de carniça, mas ela nem repara no pobre homem desmaiado: a hiena contempla as estrelas... ela tem alma de poeta... para ela, nada existe, além das estrelas que brilham na imensidão negra do Infinito. De repente, algo rompe o silêncio sepulcral do deserto. Um cavaleiro, montado em um corcel feroso. É Joe, o marujo, herói dos 7 mares, impetuoso varão, que atraz uma carta de amor para o pobre homem sentado à beira da vida, e um cantil de água para aquela pobre criatura desmaiada acolá, no meio do deserto poeirento. Depois de satisfazer àqueles dois pobres diabos, Joe, o marujo, dá de presente à hiena com alma de poeta a "Via Lactea", com a devida permissão do Olavo Bilac. E a plena satisfação, a alegria, tudo volta para aqueles sêres feridos pela tragédia... é o retôrno à vida, graças a Joe, o marujo...".

E assim, êle continua falando, pela noite a dentro. E depois êle me diz que não tem vocação para escritor! Franca-mente!... Escreva, Joe, faça como Karl May. Imito-o, Joe... êle também era "só papo"!... x